



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS DRA DOUTORA JOSEFINA DEMES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/PORTUGUÊS**



LENNA GABRIELLY MATIAS NEPOMUCENO

**REPRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS AFRO-BRASILEIROS EM DIFERENTES
ESPAÇOS SOCIAIS DA LITERATURA DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ.**

**FLORIANO-PI
2025**

LENNA GABRIELLY MATIAS NEPOMUCENO

**REPRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS AFRO-BRASILEIROS EM DIFERENTES
ESPAÇOS SOCIAIS DA LITERATURA DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí-UESPI
Campus Doutora Josefina Demes, com
requisito para obtenção do título de graduação
em licenciatura plena em Letras/português.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva

**FLORIANO-PI
2025**

N441r Nepomuceno, Lenna Gabrielly Matias.

Representação dos personagens afro-brasileiro em diferentes espaços sociais da literatura de Júlio Emílio Braz. / Lenna Gabrielly Matias Nepomuceno. - 2025.

41f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Licenciatura em Letras Português, Campus Doutora Josefina Demes, Floriano-PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva".

1. Júlio Emílio Braz. 2. Literatura Afro-brasileira Infantil.
3. Representatividade. I. Silva, Luciano Ferreira da . II. Título.

CDD 469

LENNA GABRIELLY MATIAS NEPOMUCENO

**REPRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS AFRO-BRASILEIROS EM DIFERENTES
ESPAÇOS SOCIAIS DA LITERATURA DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí-UESPI
Campus Doutora Josefina Demes, com
requisito para obtenção do título de graduação
em licenciatura plena em Letras/português.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Nota: _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva. (orientador)

Universidade Estadual do Piauí-UESPI

(membro)

Universidade Estadual do Piauí- UESPI

(membro)

Universidade Estadual do Piauí- UESPI

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a todos aqueles que acreditaram em mim ao longo dessa jornada. Aos meus pais, por seu amor incondicional, apoio e sacrifícios, que me ensinaram o valor da educação e a importância de nunca desistir dos meus sonhos. Aos amigos que me incentivaram nos momentos de dúvida, e ao João Henrique, cuja amizade levarei comigo por toda a vida. E para os professores que me guiaram com sabedoria, inspirando-me a buscar sempre o melhor. Também dedico este trabalho aos jovens que, como eu, saem de casa em busca de uma nova vida, enfrentando desafios e vencendo o medo de fracassar para construir seu próprio caminho. Que este trabalho seja uma prova de que, com esforço e determinação, é possível transformar sonhos em realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus em primeiro lugar, por me dar força e resiliência para não desistir durante esta etapa da minha graduação, que esteve ao meu lado em cada conquista e me protegeu em cada passo. Reconheço que, muitas vezes, não foi fácil enfrentar os desafios, mas foi a proteção divina e o amor da minha família que me deram forças para seguir adiante. Quero expressar minha profunda gratidão ao professor Luciano Ferreira, que me auxiliou na escrita da minha monografia com tanta dedicação e paciência. A cada reunião, a cada correção e orientação, ele esteve ao meu lado, ajudando-me a transformar minhas ideias em um texto claro e coeso. Agradeço de coração pela sua dedicação e apoio, que foram essenciais para a realização deste trabalho.

Quero expressar minha profunda gratidão à minha mãe, Isabel Cristina Matiz de Sousa Nepomuceno, que teve um papel essencial na construção deste sonho. Foram inúmeras horas de plantão no hospital, trabalhando arduamente para que eu pudesse permanecer aqui em Floriano e seguir meus estudos. Agradeço imensamente por sua força, por seu sonho de ver essa conquista realizada e por não permitir que eu desistisse. Ao meu pai Antônio Alves Nepomuceno, minha eterna gratidão por todo o apoio e incentivo, por acreditarem em mim e me ajudarem a persistir no caminho da educação. A cada hora de trabalho que o senhor dedicou, a cada viagem distante, sempre deixando saudade, registro minha eterna gratidão, pai, por tudo que o senhor me proporcionou ao longo da vida.

À minha família, Matias e Nepomuceno, que sempre me incentivou a buscar o conhecimento, minha profunda gratidão. Aos meus irmãos, minha irmã Isabela Noêmia, que sempre esteve ao meu lado na busca dos meus sonhos, e ao meu irmão Gabriel Matias, que me acompanhou em tantas conversas, com paciência e apoio. O amor de vocês, paciente e persistente, foi essencial em cada uma das minhas conquistas. Foi graças a vocês que consegui superar as dificuldades e não desistir do meu sonho. Ser a primeira filha a se formar é uma forma de quebrar um padrão, de honrar cada sacrifício feito para que esse momento se tornasse realidade. Esta vitória é nossa, e cada um de vocês faz parte dela.

Reconheço que, muitas vezes, não foi fácil enfrentar os desafios de uma tradição patriarcal, mas, com o apoio da minha família, escolhi a educação como o caminho para um futuro melhor. Esta conquista não é só minha, mas nossa. Espero que estejam orgulhosos, meus

irmãos, minha mãe e meu pai; tudo o que realizei até hoje é um reflexo do amor e dos valores que vocês me ensinaram.

Agradeço de coração aos meus avós, Olinda Matias e José Maria, que desde cedo me incentivaram e ajudaram a construir minha trajetória. Sempre fizeram o possível para que eu tivesse a melhor educação, investindo amor e dedicação para que eu alcançasse meus sonhos. A gratidão que sinto por vocês é imensa, e seu carinho estará sempre comigo. Retrato também à minha tia Risa Matias, que foi uma segunda mãe para mim. Com cuidado e proteção, sempre esteve ao meu lado, cuidando de mim e fortalecendo com suas orações. Sou profundamente grata por todo o amor e apoio que recebi de vocês ao longo dessa caminhada.

A pequena garota que um dia escreveu seu nome em um chão de areia, prometendo a si mesma que chegaria à graduação. Naquele momento, o vento levou sua escrita, mas hoje, o sonho se concretizou. Assim como o vento apagou aquelas palavras, agora ela pode escrever, com orgulho, em um pedaço de papel: “Sou professora.”

"A vida é repleta de caminhos que se conectam aos nossos sonhos, construindo cada passo na busca por nossas conquistas. Diante disso, muitas vezes nos encontramos perdidos, sem saber o que fazer em meio às escolhas e decisões. No entanto, cada trilho representa um passo que nos ajuda a construir o nosso futuro"
(Lenna Nepomuceno)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: O PAPEL DA REPRESENTATIVIDADE AFRO-BRASILEIRA INFANTOJUVENIL NA OBRA DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ, EM DIFERENTES ESPAÇOS SOCIAIS.	14
1.1 A representação da literatura afro-brasileira infantil para as crianças e adolescentes	18
1.2 A imagem de crianças e adolescentes negras para a literatura infantil.	21
CAPÍTULO 2: OS VALORES NÃO ÉTCOS RACIAS NA REFLEXÃO DA OBRA <i>PRETINHA EU?</i>	22
2.1 Reflexões sobre o preconceito racial na obra <i>Pretinha Eu?</i> .	26
CAPÍTULO 3 : A ATUAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA PARA ADOLECENTES E JOVENS: ENTRE UMA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE QUE CORRESPONDA AO LIVRO <i>PIVETE</i>.	30
3.1 As marcas de sobrevivência de garotos da periferia, presente na obra <i>Pivete</i> .	33
CAPÍTULO 4: COMPARAÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS NAS DUAS OBRAS.	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

RESUMO

As obras *Pretinha Eu?* (2018) e *Pivete* (2018), de Júlio Emilio Braz são produções literárias que refletem as vivências de crianças e adolescentes negros em contextos sociais marcados por discriminação racial, bullying e vulnerabilidade. A obra *Pretinha Eu?* destaca o ambiente escolar como um espaço de construção identitária, enquanto *Pivete* explora a realidade de jovens envolvidos com a criminalidade em favelas. Logo, este trabalho possui como objetivo central analisar as representações dos personagens afro-brasileiros em diferentes espaços sociais na literatura de Júlio Emílio Braz, na investigação das obras *Pretinha eu?* e *Pivete*. Este trabalho científico propõe destacar a relevância de autores negros em relação as suas experiências reais, analisando a forma como Júlio Emílio Braz utiliza suas obras para promover reflexões sobre a vida de crianças negras no século XXI, oferecendo aos leitores negros a oportunidade de se enxergarem nos enredos relatados como a estimulação da conscientização sobre o preconceito racial. Foi analisado a importância de narrativas que buscam representar o cotidiano de crianças e adolescentes negros, promovendo a inclusão e visibilidade em questões étnico-raciais. Além disso, o trabalho busca enfatizar como problema de pesquisa a integração da literatura afro-brasileira como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento em sala de aula, especialmente em reflexões nos diferentes espaços sociais que os personagens negros estão inseridos. Este estudo está fundamentado nas seguintes obras como base teórica: o livro *Metodologia do ensino da literatura infantil*, de 2007, da autora Marta Morais da Costa e o livro *Literatura, História e Cultura Afro-brasileira e Africana*, de 2013, dos escritores Elio Ferreira e Feliciano José Bezerra Filho.

Palavras-chave: Júlio Emilio Braz; Literatura afro-brasileira infantil; Representatividade; Espaço; Sociedade.

ABSTRACT

The works *Pretinha Eu?* (2018) and *Pivete* (2018), by Júlio Emilio Braz, are literary productions that reflect the experiences of black children and adolescents in social contexts marked by racial discrimination, bullying, and vulnerability. The work *Pretinha Eu?* highlights the school environment as a space for identity construction, while *Pivete* explores the reality of young people involved in crime in favelas. Therefore, this work has as its main objective to analyze the representations of Afro-Brazilian characters in different social spaces in the literature of Júlio Emílio Braz, in the investigation of the works *Pretinha Eu?* and *Pivete*. This scientific work proposes to highlight the relevance of black authors in relation to their real experiences, analyzing the way in which Júlio Emílio Braz uses his works to promote reflections on the lives of black children in the 21st century, offering black readers the opportunity to see themselves in the plots reported as a stimulus to awareness about racial prejudice. The study analyzed the importance of narratives that seek to represent the daily lives of black children and adolescents, promoting inclusion and visibility in ethnic-racial issues. In addition, the study seeks to emphasize as a research problem the integration of Afro-Brazilian literature as a pedagogical tool for classroom development, especially in reflections on the different social spaces in which black characters are inserted. This study is based on the discussion based on the following works as a theoretical basis: the book *Methodology for teaching children's literature*, from 2007, by author Marta Morais da Costa and the book *Literature, History and Afro-Brazilian and African Culture*, from 2013, by writers Elio Ferreira and Feliciano José Bezerra Filho.

Keywords: Júlio Emilio Braz; Afro-Brazilian children's literature; Representation; Space; Society.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira tem grande reconhecimento no contexto cultural, em forma de levar representatividade. Nessa perspectiva, o conhecimento das crianças com a literatura está cada vez mais intrigante no meio social, isso se baseia principalmente pelos avanços tecnológicos e com a criação de desenhos e filmes, na concordância que as crianças e adolescentes conheçam obras de forma mais afastada dos livros físicos. Em vista disso, cita-se obras cinematográficas como o *Sítio do Picapau Amarelo* e *Onde vivem os monstros*.

Ademais, muitos autores em nosso país desempenham um papel crucial para a literatura infanto-juvenil, um deles é o autor Júlio Emílio Braz que nasceu em 16 de abril de 1959, escritor considerado como um jovem altamente autodidata, por possuir extrema facilidade no aprendizado. Assim, adquiriu o hábito da leitura aos seis anos, iniciando sua carreira como escritor e roteirista para histórias em quadrinhos publicadas no Brasil e em outros países.

O escritor apresenta um trabalho na literatura muito importante para o conhecimento em obras que descrevem a realidade de muitas crianças, na qual sofrem preconceito e descriminalização em nossa sociedade. Para Júlio Emílio Braz, o contexto entre o cotidiano de muitas famílias brasileiras e a discriminação racial sempre esteve presente nas vivências das pessoas. Tais vivências são concretizadas nas interações escolares, conjunturas entre classes sociais, experiências culturais e diversidades plurais. Nesse sentido, tais aspectos denotam o mundo real de muitas crianças que vivem nas favelas e em espaços que igualam a realidade entre a ficção descrita pelo autor, caracterizada principalmente pela a influência racista da sociedade nos espaços sociais.

Em seus livros o escritor tenta trazer as existências que estão presente em nosso país, em obras como o *Pivete e Pretinha Eu?*, que relatam histórias de crianças pretas que conhecem o preconceito e sofrem com a discriminação em um contexto social perturbado, que não reconhecem o respeito e as demonstrações afetivas da coletividade brasileira. O autor busca representar adolescentes que enfrentaram problemas como bullying, violência física e psicológica, ao retratar diferentes realidades sociais de jovens que cresceram em ambientes vulneráveis e acabaram se envolvendo com a criminalidade.

A literatura brasileira representa, de diferentes maneiras e em diversos espaços, não apenas no século XXI, mas desde sua formação. Desse modo, possui grande importância para autores negros que escrevem literatura afro-brasileira infantil, apresentando o cotidiano de muitas crianças e adolescentes. Nessa circunstância, essa monografia tem como objetivo

central, analisar as representações dos personagens em diferentes espaços sociais na literatura de Júlio Emílio Braz, na investigação das obras *Pretinha Eu? e Pivete*.

Para a construção da pesquisa, foi compreendido o papel da proporcionalidade na literatura infantil afro-brasileira entre os espaços sociais que integram a criança, com a assimilação da importância da construção de leituras infantes juvenis para simbolização entre o público primário. Como também, para analisar a identificação da escrita de autoria negra para esse público, professores da educação infantil e leitores do século XXI.

É importante examinar as relações e valores étnico-raciais refletido na obra *Pretinha Eu?*, afim de entender a importância da condução para os espaços de discussões literárias em sala de aula. Consequentemente, analisar leituras que promovam a representatividade negra, e abordagem de temas como o racismo, bullying e preconceito aos quais muitas meninas são expostas. Nesse sentido, a construção de uma identidade a partir do livro *Pivete*, possibilita o reconhecimento do contexto social de muitos jovens negros que são submetidos na intrínseca realidade precoce da criminalidade.

Assim, ao comparar os dois espaços sociais, as duas obras selecionadas, busca-se refletir a representação dos personagens negros para a literatura nacional, tendo o cuidado com a análise da realidade que muitas crianças são expostas. Evidenciando a ficção demonstrada na obra com a personificação de crianças e jovens negros brasileiros.

A pesquisa é fundamentalmente bibliográfica, com método dedutivo e indutivo no sentido do conhecimento para a literatura infanto juvenil e as especificidades que o objeto de estudo exige na direção da ciência afro-brasileira. E teve como base teórica o livro *Metodologia do ensino da literatura infantil*, de 2007, da autora Marta Moraes da Costa e o livro *Literatura, História e Cultura Afro-brasileira e Africana*, de 2013, dos escritores Elio Ferreira e Feliciano José Bezerra Filho, o escritor Marcus Vinícius Fonseca e a obra *Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil*, de 2011.

CAPÍTULO 1: O PAPEL DA REPRESENTATIVIDADE AFRO-BRASILEIRA INFANTOJUVENIL NA OBRA DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ, EM DIFERENTES ESPAÇOS SOCIAIS.

Os livros em estudo, apresentam as obras *Pretinha Eu? e o Pivete*, que têm como principal enfoque a literatura infanto-juvenil afro-brasileira. Como representação, o escritor Júlio Emílio Braz traz em suas obras manifestações de muitas histórias e cotidiano de crianças negras, baseando-se nas vivências e experiência reais de muitos adolescentes brasileiros.

Para a compreensão, o papel de livros literários afro-brasileiros infantis não é apenas contar história, mas descrever realidades e vivências em diferentes espaços sociais de muitas crianças e adolescentes. Maria Cristina Gouvêa (2000) afirma que ao analisar as representações sociais sobre o negro na literatura de recepção infantil no Brasil, nas três primeiras décadas do século XX, sugere uma suposta integração racial nessa produção, marcada por uma visão na qual os personagens são identificados pelo desejo de embranquecimento.

Ao longo das décadas, as publicações de livros foi ganhando um novo movimento literário, com reconhecimento presente da importância da escrita negra. O papel do negro como escritor é o de relatar, com cuidado, histórias e promover a inclusão e visibilidade para crianças, jovens e adultos. Para Júlio Emílio (Braz, 1997, não paginado), “meus sentimentos em relação a minha cor ou a minha etnia eram simplesmente embranquecidos.”

Em suas obras, Júlio Emílio Braz, dá importância à presença de personagens negros e atesta como muitas crianças e jovens negros são expostos em uma sociedade cheia de preconceito, expressando, de forma coletiva e individual, a discriminação que sofrem pela a cor da pele. Tendo esse papel muito importante, o escritor como outros autores brasileiros, tem o reconhecimento de escrever livros representativos para crianças negras. Entre os muitos autores de literatura infantil, destacam-se aqueles que celebram e retratam a cultura afro-brasileira.

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. Desde então, cresce da mesma forma, mas não na mesma intensidade, a reflexão acadêmica voltada para esses escritos, que, ao longo do século XX, foram objeto quase que exclusivo de pesquisadores estrangeiros como Bastide, Sayers, Rabassa e Brookshaw, entre outros (Ferreira e Filho, 2013, p. 27).

A representação dos personagens negros como protagonistas na escrita de muitas obras literárias, expressa muitas vezes um discurso contraditório, intimidado por muitas décadas em nosso país. A lei 10.639, sancionada pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva em maio de 2003, institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar do ensino fundamental e médio, culminando com a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (julho/2004a), nomeie a literatura para ser trabalhada no ambiente escolar e tendo referência para as editoras que passaram a publicar livros com esse fim.

O cuidado para representação no negro na literatura brasileira vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade, em busca de construir uma identidade entre personagens negros na literatura infantil. Além desse desempenho, ainda é pouca reconhecida, ocupando um lugar muito pequeno na sociedade.

A obra *Pretinha Eu?*, Manifesta o espaço escolar e a representação da formação e convivência para muitas crianças brasileiras, particularmente as negras. O retrato da narrativa enfatiza como o meio educacional tem impacto na construção do aluno, que busca sua identidade, e também explora a desigualdade social. O livro *Pivete* traz visibilidade para muitos adolescentes que, desde a infância, são expostos ao mundo da criminalidade.

O escritor apresenta uma literatura infantojuvenil na qual a criança possa se reconhecer em suas vivencias. Ao mesmo tempo, desperta aflição nos leitores adultos ao contar vivências que, muitas vezes, foram experiencias reais já vivenciadas. Além disso, o autor realça os vários desafios entre adolescentes que sofrem discriminação racial.

A alta relevância está em indicar aos escritores brasileiros que a literatura infantojuvenil, tem a capacidade de influenciar a todas as pessoas que fizeram parte da história do nosso país, tendo um papel crucial tanto na leitura como na escrita. Denota-se assim, que uma ficção pode ter a interpretação da vida de milhares de pessoas, um dos depoimentos dessa geração é de Luiza Lobo:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro (Lobo, 2007, p. 266).

A literatura afro-brasileira é de suma importância para a construção humana. Compreender esse papel de empoderamento para o símbolo de personagens negros entre a visão de prestígio e a inexperiência social, se completa com muitas histórias e vivências na qual são abordadas nas obras. Para Costa (2007, p. 08) “a literatura será entendida como aquela que se relaciona direta e exclusivamente com a arte da palavra, com a estética e com o imaginário.”

Para Júlio Emilio Braz, é muito importante que os leitores infantis possam se sentir representados e tenham como referência livros que contribuam para a construção e educação social. Além disso, esses livros devem auxiliar na interação e no crescimento da imaginação e na transmissão do poder da leitura, com suas histórias de leveza e grandes significados.

O literário traz a marca da invenção e da quebra de padrões de escrita e de representação do mundo e do homem. Já a ciência procura na precisão, na comprovação, nas relações necessárias entre causas e efeitos explicar o modo como a noção de realidade se constrói nos seres humanos. É a partir dessa diferença inicial - que foi se tornando cada vez mais elaborada e com novos ingredientes - que atualmente chegamos ao uso corrente do termo (Costa, 2007, p.16).

A construção de textos para o público infantil tem o papel de extrema importância de levar para a criança reflexões sobre grandes e pequenos acontecimentos, mostrando o conhecimento dos seres humanos e principalmente a exibição do enredo das histórias sem perder a serenidade dos assuntos que são expostos dos livros e textos. Assim, é necessário compreender a literatura infantil afro-brasileira e como a mesma está presente na elaboração da representatividade para o público infantil e reconhecimento educacional de docentes, na condução da criança ao conhecimento e visibilidade de suas raízes.

Compreender o papel de Júlio Emílio Braz na literatura afro-brasileira infantil, não é apenas analisar a forma como ele escreve os seus livros, mas refletir a representatividade de muitas crianças e adolescentes que são inseridos em histórias reais. Nesse contexto, entender a sua luta foi o que levou o escritor a entregar boa parte da sua vida a escrita infantil. Para o escritor isso tem uma singela significação pessoal:

Ao fim e ao cabo são elas que justificam tudo o que fazemos e escrevemos ao longo da vida. As crianças negras deste país, precisam acreditar, mas antes enxergar um destino diferente do que vitimou e ainda vitima as gerações antes delas. Eu acredito que faço a minha parte escrevendo meus livros e viajando país afora para conversar com eles sobre este e outros tantos assuntos (Braz, 2024, não paginado).

O verdadeiro sentido da literatura afro-brasileira tem a forma única de possuir uma visão cuja missão é levar a singularidade e visibilidade de muitas crianças negras em nosso país. A forma como a leitura tem o poder de mudar determinados contextos sociais, é sem dúvida um marco amplo para muitas pessoas.

Em outras formas de viabilidade, a literatura afro-brasileira infantil tem o poder de levar crianças, adolescentes, jovens e até mesmo adultos a embarcar em uma viagem repleta de suas próprias memórias, revivendo momentos da infância ou até mesmo refletindo as suas vivências e experiências já obtidas em sociedade. Dessa forma, o escritor Júlio Emílio Braz, apresenta ficções realistas retratando problemas reais e sociais. Nesse âmbito, destaca-se a empatia, que segundo o autor pode ser precisamente mais cruel em diferentes realidades.

Para Ferreira e Filho (p. 43, 2007), “no conceito de literatura afro-brasileira uma formulação mais elástica (e mais produtiva), a abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico”. Assim, a forma de representação da literatura consiste em contribuir às estatísticas de inclusão, mostrando contextos que possam levar o leitor a se descobrir e, sobretudo ter uma visão da realidade para muitos brasileiros.

Júlio Emílio Braz, enxerga as crianças negras em seus livros e as descreve com detalhes precisos, analisando principalmente as condições que muitos estão inseridos na sociedade. Isso demonstra que o autor não apenas narra histórias, mas as capturam com autenticidade. No cenário nacional, várias crianças e adolescentes, situam-se suscetíveis a sofrerem preconceitos raciais. Nesse contexto, a literatura afro-brasileira busca expressar uma diversidade de relatos, que simbolizam, de forma única, as experiências individuais.

Entre outras formas de investigar os detalhes que a literatura afro-brasileira apresenta em seu repertório cultural, é fundamental internalizar como os espaços sociais estão presentes, observando as representações dos personagens, com enfoque em seu espaço, lugar e tempo. Tal análise, tem a missão de averiguar a necessidade de cada personagem, além dos seus seguintes impactos para os futuros leitores.

O ponto de apoio para a ação das personagens é o espaço (ambiente, cenário, cena, mundo exterior). Ele determina as circunstâncias locais, espaciais ou concretas, que dão realidade e verossimilhança aos sucessos narrados. Sua importância na efábula é idêntica àquela que o mundo real adquire em nossa vida cotidiana. Meio familiar, social e econômico; tipo de habitação; clima; nação; objetos que nos rodeiam na intimidade; a moda de nossos trajes; o local de trabalho; etc., são elementos do espaço que nos servem de apoio para vivermos; condicionam nosso ser social e atuam decisivamente em nosso ser interior (Coelho, 2000, p.77).

Segundo Coelho (2000), o ponto de partida a ser priorizado sempre será o ambiente de interação que irá contemplar o espaço de determinada obra. Para a literatura, os livros sempre apresentam histórias, e muitas representam o lugar de fala dos personagens, retratando suas vivências que moldam determinados espaços sociais.

Coelho (2000), defini esse espaço social da seguinte forma: casa, castelo, palácio, tenda, veículo de locomoção como trem, charrete, avião, carro, foguete, etc., ou melhor, os elementos da natureza ou do ambiente modificados pela técnica, pelo trabalho de transformação do homem. Nesse contexto, as obras literárias têm como fonte os recursos de determinados espaços, tendo a relação de informar os seus conhecimentos para os leitores.

O espaço social se assegura fortemente na representação das muitas e grandes vielas da nossa sociedade. Assim, muitos escritores abordam temas de maneira reflexiva, retratando a pobreza, criminalidade e como o país ainda necessita de melhorias em diversos aspectos. Assegurando dessa maneira, que as crianças afro-brasileiras necessitam ser ouvidas e vistas.

Em muitas obras de Júlio Emílio Braz, o cenário discorre nos ambientes das comunidades brasileiras, nas escolas e dentro das famílias. A forma de discurso que o escritor sugere para levar as crianças e adolescentes a se vislumbrarem nas suas histórias, é majoritariamente na representação de leituras simples, análogas a recordação de conexões e de muitas lembranças.

Os dois livros abordados nesta pesquisa, *Pretinha Eu?* e *Pivete*, retratam espaços sociais distintos: um se passa no ambiente escolar, enquanto o outro se desenrola nas favelas. Ao observar, como o escritor narra a história de duas crianças expostas em diferentes contextos, percebe-se a contrastante realidade entre os ambientes que elas habitam, e como a literatura afro-brasileira infantil apresenta importantes personagens para referir ficções, na qual enfatiza problemas reais que ilustra as verdadeiras realidades vividas em sociedade.

1.1 A representação da literatura afro-brasileira infantil para as crianças e adolescentes.

Regina Zilberman (2005 p. 9), defende, “com a literatura para crianças não é diferente: livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar.” O papel da representatividade de textos literários para leituras nas séries iniciais, tem grande relevância no saber de mundo e muitas vezes as categorizações que os professores necessitam abordar, conclui que as diversas obras literárias permanecem em constante maturação ao decorrer do

tempo. Nesse caso, o suscinto aspecto das obras literárias demonstra clareza e objetividade entre perspectivas sobre a infância até a vida adulta. Assim:

Procede que a literatura infantil brasileira oferta ao leitor atual um acervo respeitável de boas obras, para serem lembradas por adeptos de várias gerações. Vale a pena recapitular sua trajetória, para entender as qualidades que exibe aos leitores contemporâneos de todas as idades (Zilberman, 2005, p.11).

Esse cenário infere a importância da literatura infanto-juvenil na vida de inúmeras pessoas e como a mesma esteve presente na construção do aluno como indivíduo e participante ativo do corpo social. Assim, a leitura ganha cada vez mais espaço nos ambientes de interação entre diferentes grupos sociais. Na qual, recebem reconhecimento para contribuir nas evidencias dos escritores, retratando fielmente a vivência de muitas crianças no Brasil.

Entre muitos livros e histórias, observa-se a simbolização dos personagens protagonistas afro-brasileiros em diferentes espaços sociais da literatura. Ademais, isso ocorre principalmente para contemplar a posição entre o sentido de suas visões sociais como suas vivências culturais. Enfim, liberando espaço na trama para visibilidade do preconceito, bullying e racismo sofridos.

Segundo Daniela Moreira Costa *et al* (2019 p.74), “O combate ao preconceito e discriminação, hora oculta outrora revelada, a falta de consciência e valorização em relação ao negro e sua cultura nos espaços escolares”. Nessa perspectiva, a contribuição da ficção tem influência significativa entre os aspectos intelectuais, afetivos, sentimentais, senso crítico e oralidade. Pela qual, devem estar presentes nas séries iniciais para o bom aproveitamento literário e diversificação do aprendizado.

A literatura infantil afro-brasileira para a contação de histórias, as crianças interagem entre si e vivenciam os personagens, suas falas, comportamentos, características físicas, seus desejos, o que a história irá passar o que ela vai contribuir e a maneira como será internalizada contribui no processo de formação da identidade dos alunos (Costa *et al*, 2019, p.74).

Com essas ideias, observa-se a valiosa representatividade dos personagens negros para a literatura infanto-juvenil, tendo em vista a análise de muitas crianças no decorrer dos seus dias. Na obra de Ana Maria Machado *A menina bonita no laço de fita*, a visão da personagem expressa o cotidiano real vivenciado por muitas meninas negras no Brasil, na qual, se torna símbolo de afeto, espelho e delicadeza a se seguir.

No espaço de ensino, é notório a forma como os educadores apresentam a literatura afro-brasileira a qual ganha cada vez mais espaço no meio educacional. Assim, a aplicação de livros que encorajam a busca pelo entendimento e intimidade com a obra se situa de extrema relevância. Contudo, no contexto das escolas públicas a falta de materiais inclusivos e que aproximem os estudantes dos espaços de leitura, se torna um obstáculo que ainda necessita ser transcendido.

Outrossim, livros nesta temática não representa apenas uma leitura baseada em relatos fantasiosos. Mas, discorre o retrato de muitas crianças que já passaram por algum tipo de discriminação, seja ela pela cor da sua pele ou até mesmo pelo seu estilo de cabelo. No espaço de aprendizagem, o educador necessita escolher livros que direcione a atenção da turma com mecanismos de simples interpretação, prendendo a atenção dos pequenos leitores.

A literatura infantil afro-brasileira vem ganhando espaço em nosso país após a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana fazendo com que cada vez mais pessoas tenham contato nas escolas, resultando em uma pedagogia sem preconceitos, trabalhando com a diversidade dentro das escolas que um espaço de grande papel na formação identitária de nossos alunos, através da recreação, teatros e da literatura infantil afro-brasileira (Costa *et al*, 2019, p. 74).

O ambiente de ensino é um dos importantes locais onde o aluno negro se sente reconhecido. Isso se baseia pela personificação das diferenças, e respeito mútuo quando o mesmo se aventura nas realidades literárias vivenciadas em cada obra. Segundo Costa (2019, p. 76), “o combate do preconceito e discriminação, hora oculta outrora revelada nas faces da sociedade, demonstra a falta de consciência e valorização em relação as suas lutas e culturas”. Nesse contexto, a importância do combate ao preconceito racial com foco na literatura representativa é de suma importância.

1.2 A imagem de crianças e adolescentes negros para a literatura infantil.

A literatura brasileira é composta por diversas manifestações culturais, na qual, simbolizam o mundo e como a sociedade se desenvolve. Nesse sentido, a imagem das crianças e adolescentes negras é caracterizada de certa forma pelo papel do negro historicamente. Entretanto, o ambiente que os personagens negros são apresentados nas obras infantis insere o contexto entre a singularidade, aquisição de direitos e a perseverança de mudança. Assim, os

autores contemplam e apresentam o verdadeiro espaço do negro em todas as esferas sociais, evidenciando uma literatura autêntica a cada personagem.

Com o surgimento de novos escritores iniciou-se uma grande exemplificação de personagens afrodescendentes, denotando que a vasta literatura brasileira se encontrava até então embranquecida, realçando apenas a importância do homem branco na sociedade. Em outras colocações, a imagem dos figurantes negros sempre foi relatada em situações que demonstra grande desigualdade socioeconômica. Isso ilustra como o verdadeiro cenário entre a ficção, e a realidade exposta é enfrentada por muitos afro-brasileiros.

Para Ferreira (2017), A narrativa do negro na literatura brasileira, sempre foi estabelecida em forma de inferioridade. Nesse contexto, pode-se refletir como os grandes clássicos da literatura representa o papel dos afrodescendentes, e como tal ação influência na construção da educação de muitas crianças e adolescentes.

O papel da literatura negra se torna de extrema relevância para a representação do público infantil. Para Júlio Emílio Braz, em destaque nas obras *Pretinha Eu?* e *Pivete* na qual expõe narrativas sobre o preconceito racial, bullying, e como os adolescentes negros, estão expostos para o mundo da criminalidade, estabelecendo assim, a verdadeira realidade em que se encontra as esferas dos jovens vividas no Brasil. Logo, é significativo a aquisição de livros tais como os supracitados, para que possa contribuir de forma favorável no combate à discriminação racial.

A imagem de crianças e adolescentes negro em livros, mostra como a sociedade brasileira estar sendo construída em pleno século XXI, evidenciando o verdadeiro discurso que muitos meninos e meninas passam no seu dia a dia. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira infantil, para Júlio Emilio Braz (2007 p.08) “é uma forma de fazer uma denúncia social e que possam ter uma reflexão para cada leitor.” Essas palavras demonstra a importância de obras como *Pretinha Eu?* e *Pivete* a serem lidas, manifestando a singularidade de diferentes maneiras que as obras afro-brasileiras estão sendo introduzidas.

CAPÍTULO 2: OS VALORES ÉTNICOS RACIAIS NA REFLEXÃO DA OBRA *PRETINHA EU?*.

O livro *Pretinha Eu?*, conta a história de Vânia, uma garota de família humilde que ganhou uma bolsa de estudos em uma escola de grande renome. E por ser a única aluna negra e pobre, enfrentou diversos atos de discriminação raciais ao chegar no colégio, a personagem passou a sofrer preconceito por não ter os mesmos padrões financeiros dos outros alunos.

A obra é dividida em pequenos capítulos, como se fosse uma conversa em forma de diário, para explicar tudo que ocorria no Colégio Harmonia, e na vida dos personagens. O pai de Vânia trabalhava para os donos da escola e vendo como a garota gostava de estudar e era muito inteligente, resolveram prestigiá-la com uma bolsa de estudo. Assim, quando Vânia entrou na escola, a primeira parte do livro retrata como foi o “Zunzunzum” com a chegada da novata.

Nossa!

Foi um grande alvoroço, uma confusão, um zunzunzum pra lá e pra cá que só vendo!

Todo mundo foi pego de surpresa. Houve gente que não acreditou nem depois que viu. Olhava e se entreolhava, o queixo caído, os olhos arregalados, como se sentindo enganada ou vítima de alguma brincadeira sem graça dos próprios olhos, ou como se estivesse vendo alma do outro mundo.

Não era pra menos. Aquilo jamais havia acontecido no Colégio Harmonia. Nunca.

Nunquinha, nunquinha.

Foi ela aparecer no portão, vestida com o uniforme do colégio, pra começar o olha-pra-ela, olha-pros-ados. Bom, na verdade, não era ela propriamente. Era pra pele dela.

Ninguém entendeu. Ninguém engoliu.

Aquilo não podia estar acontecendo no Colégio Harmonia.

Por quê?

Porque, em cem anos de tradição, jamais alguém como Vânia entrara lá. Pelo menos, não como aluna.

Por quê? Porque ela era... era... era... era preta, pretinha, pretinha, pretinha de parecer azul. (Braz, 2018, p.07).

Nesse contexto, o livro *Pretinha Eu?*, mostra como os alunos ficaram impactados com a chegada de Vânia. Diante disso, é possível observar a quebra de tradições em uma escola conceituada, construída sob os parâmetros da elite monopolizada, na qual não havia um aluno negro há mais de 100 anos. Assim, a quebra de padrões da época persistiu até os dias de hoje, principalmente na luta por igualdade racial e na ascensão dos espaços educacionais.

O cenário escolar em nosso país atualmente infere que muitas instituições de ensino de cunho privada, possua programas de bolsas para a adesão de pessoas de baixa renda. Logo, esse

comprometimento oferece oportunidades únicas que vão além de mensalidades em que estabelece barreiras inacessíveis para muitos estudantes no Brasil.

De acordo com o trecho da obra que enfatiza, há mais de um século um aluno negro não ingressava na escola, “em cem anos de tradição, jamais alguém como Vânia entrara lá. Pelo menos, não como aluna. Por quê? Porque ela era... era... era... era preta, pretinha, pretinha, pretinha de parecer azul Braz, 2018, p. 07)”. Demonstra, como a sociedade da época ressaltava que pessoas pobres e negras deveriam ocupar outros espaços sociais, longe da classe dominante, como: periferias, trabalhos hostis, casas de prostituição e principalmente distante da escola.

Da mesma forma, devido à genialidade de Vânia e afeto amigo dos donos da escola pelos pais da menina, a mesma teve a oportunidade de ser agraciada com uma bolsa de estudos.

O pai de Vânia trabalhava na casa dos donos do colégio. como eles gostavam muito dela, deram a bolsa. Muita gente vivia dizendo a Vânia era superinteligente e eles queriam ter certeza de que ela teria um bom estudo numa boa escola.

- Essa, sim, é uma garota de futuro, de muito futuro - disse o velho Epaminondas Cerqueira, o dono do colégio, durante uma das visitas que passou a fazer a nossa turma (Braz, 2018, p.16).

Para outro cenário a obra *Pretinha Eu?* de Júlio Emílio Braz, retrata contexto social e aborda a forma como os personagens se encontram, apresentando a figura de uma menina negra que sofria bullying, racismo, além de enfrentar dificuldades por ser de baixa classe social. O autor tem o cuidado de discutir como muitos adolescentes vivenciam em ambientes escolares. Ademais, o livro narra a história de uma menina simples e apresenta todo o contexto que a personagem Vânia se encontra durante toda a trama.

A obra propõe reflexões sistemáticas para a educação e os valores étnico-raciais na escola, refletindo sobre a inserção dos personagens em um espaço social sem distinção de valores que excluem pessoas como Vânia, cheia de sonhos e vontade de se encontrar nas esferas acadêmicas. Para Maria Vieira e Patrícia Aragão (2017), existe considerações sobre a importância das unidades escolares trabalharem por meio de debates, acerca de livros como *Pretinha eu?*, destacando sua importância na reivindicação dos direitos.

A inserção da literatura na abordagem da questão racial, na perspectiva da cultura afro-brasileira é fundamental, para compreender como na escola esse debate é provido e quais as mudanças ocasionadas, quando se empreender no cotidiano escolar o debate pelo viés literário das questões étnico-racial, na promoção de metodologia de ensino, tal intento, visa contribuir na

desconstrução de uma visão negativa, que sendo construída no imaginário social em relação ao negro (Vieira, Aragão, p. 09, 2017).

Em muitas escolas é essencial a promoção de leituras ativas de obras literárias que estimulem uma visão crítica para o embasamento acerca das desigualdades sociais, com prioridade no destaque de valores básicos a serem trabalhados em sala de aula, onde os professores devem estimular com o objetivo de continuidade em seus espaços além da escola. Nesse sentido, a personagem Vânia enfrenta diversos atos de preconceito pela a cor da sua pele, e por possuir condições econômicas instáveis em comparação aos outros alunos. O diálogo abaixo ilustra esse contexto:

Tudo era motivo: os sapatos mais probrezinho da Vânia, o jeitão metido da Vânia, que não falava com ninguém e vivia agarrada à professora, que, por sua vez não parava de elogiá-la.

- Uma puxada de saco da outra! – resmungava.

Era o fato de Vânia ir e voltar de ônibus pra casa.

- Nooossa, Vânia, que carrão!... Tô morrendo de inveja..”

Era principalmente o fato de Vânia ser pretinha, pretinha, como repetia naquelas horas em que ficava com muita raiva de Vânia, e também as boas notas de Vânia, seus belos trabalhos, seu interesse sincero por tudo e qualquer coisa que a professora falava ou tentava ensinar. Tudo isso servia para deixar a Carmita morrendo de raiva (Braz, 2018, p. 9).

A forma como a personagem Carmita releva o preconceito exposto contra Vânia destaca o cotidiano de muitas crianças negras, que enfrentam situação semelhantes. Assim, livros como *Pretinha Eu?*, aborda valores étnicos raciais que estão inseridos em ambiente escolar. Belotti e Souza (apud Nascimento 2001, p. 9) analisa que “o preconceito e os estereótipos são internalizados ainda na infância, mediante uma escolarização repleta de ideologia raciais”. Nessa circunstância, é evidente o exposto da obra sobre o cotidiano de Vânia em seu novo ambiente escolar, carregado de interações maléficas e preconceituosas. Porém, com suas manobras silenciosas, Vânia resisti, com os seus desejos de mudança.

Vieira e Aragão (2019, p. 07), “na história Júlio Emílio Braz ela é o lugar onde os primeiros pré-conceitos são formados e colocados na prática e cotidiano e reconhecimento pela a escola e a princípio como simples indisciplina”. Textos literários como esses apontam a representação da população negra no contexto educacional, na qual desempenham um papel essencial ao fomentar debates e reflexões sobre situações de discriminação. Enfim, contribuindo para uma formação mais crítica e inclusiva entre os alunos.

Trabalhar com esse tipo de literatura torna possível uma maior compreensão de como determinadas problemáticas nascem e enraízam na mentalidade das crianças e adolescentes. E no âmbito escolar é onde a transformação da mentalidade deve ser efetuada através da educação e do ensino voltado à igualdade. As novas expressões culturais definem o que é jovem e a forma como as mentalidades são construídas, deste modo fomentam ainda mais a ideia de que é preciso novas formas de implementar a História da África e o estudo da Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares (Viera e Aragão, 2019 p.7).

Este texto, portanto, destaca que as escolas têm a capacidade de transformar a mentalidade dos discentes fundamentada na igualdade. Nesse sentido, a atuação com livros que valorizem as culturas de matrizes africanas, permite para os educadores possam explorar a literatura infantil afro-brasileira mais profundamente. Dessa forma, proporcionando ao aluno uma compreensão das diferenças e de novos olhares a serem discutidos. Assim, a abordagem com os estudantes será de maneira mais dinâmica e intercultural. Possuindo objetivos claros com a promoção de uma educação mais centrada nos interesses das tradições afrodescendentes no Brasil.

Para o autor Júlio Emílio Braz, em um ambiente escolar, os professores têm o papel de discutir com os alunos, utilizando metodologias ativas simples como rodas de conversas, debates e leituras de livros que manifestem o interesse nas relações étnico raciais. Nesse sentido:

Eu só descobri que era negro aos vinte e poucos anos. [...] Eu vivia confortavelmente instalado dentro de palavras falsamente carinhosas do tipo “moreno” e “mulato” ou em termos simplesmente alienígenas, como “cidadão de cor” ou o famigerado “pardo” de minha certidão de nascimento. Meus sentimentos em relação a minha cor ou a minha etnia eram simplesmente embranquecidos (Braz, 2008, não paginado).

Tendo em vista o exposto, o conhecimento de refletir sobre as práticas pedagógicas, sociais e políticas que estão sendo estabelecidas em hábito escolar, refletem que a interdisciplinaridade cultural se conclui como a maneira mais eficaz quando se observa o caos do racismo nas esferas pedagógicas, assim a camuflagem preconceituosa se distingue quando tais ações são meramente concretizadas, sobretudo na forma como a educação pode tratar o reconhecimento literário afrodescendente em políticas de bem-estar social.

Logo, na obra *Pretinha Eu?*, observa-se o universo literário nesses diversos aspectos, que ainda estão presentes na contemporaneidade, sendo: cultura, representação, vivências reais,

cotidiano de meninas negras e principalmente a camuflagem racial. Evidenciando que o espaço escolar passado e atual até hoje persiste na disparidade de exclusão e de poucas oportunidades.

2.1 Reflexões sobre o preconceito na obra *Pretinha Eu?*

Uma das personagens do livro que cometia crimes de racismo com Vânia era Carmita, uma garota de família rica que sempre teve muitas oportunidades na vida. No entanto, sua implicância com a Vânia passava dos limites. Nesse sentido, diversas conversas foram realizadas com seus pais, assim obtém a confirmação da família preconceituosa. O texto abaixo apresenta essa conversa:

Carmita disse que a mãe dela falou, e que o pai concorda, que gente preta não é muito inteligente, não. Que gente preta é preguiçosa e só vive criando confusão.

Falou também que a mãe garante que preto, quando não está na cozinha ou jogando futebol, é ladrão. Parece ser uma grande conhecadora de gente preta. Sentamos e ficamos ouvindo. Carmita fica repetindo e a gente, achando a maior graça. Ela parece acreditar naquilo e, como suas amigas, ficamos ouvindo.

Carmita fala muito no pai e na mãe. Quem ouve pensa até que eles vivem grudados nela como chiclete. Fala também nos empregados da casa e garante que alguns até são uns pretos de muita confiança e bem legais.

- Pretos de alma branca - repete a frase mais conhecida da mãe.

De vez em quando, fico pensando se alma tem cor. Perguntei, mas Carmita também não sabe. Só sabe o que a mãe diz e não procura saber mais (Braz, 2018, p.35).

Esse trecho do livro mostra como a família de Carmita, desrespeitava os valores éticos-raciais de maneira cruel, a forma como pais da garota conversavam com a própria filha. Apresentando falas racistas que expressam a ideia de inferioridade de uma pessoa negra, dando a entender que o preconceito persiste entre os dois personagens, algumas falas como: (que gente preta não é muito inteligente, não. Que gente preta é preguiçosa e só vive criando confusão). No cenário familiar, muitos adultos acabam utilizando expressões inadequadas e, muitas vezes, adotam atitudes racistas.

Em outra parte da obra, é apresentada a personagem Bel, uma das principais figuras do livro, que tem uma visão diferente sobre tudo o que estava acontecendo com Vânia. Bel, vem de uma família rica, sua mãe era branca, mas o seu pai era negro. Os pais de Bel, não conversava muito a respeito sobre as diferenças e valores sociais. Nas conversas, Bel se sentia perdida com dúvidas sobre a sua própria identidade.

A personagem Vânia sabe que é negra, e isso não vazia ela menor que ninguém, isso faz parte de sua identidade racial, mas na trama encontramos uma personagem peculiar chamada Bel, que enfrenta uma espécie de negação na sua família quanto a cor da sua pele. (Viera e Aragão, 2019, p.7).

Em certo dia, a personagem Bel ao observar o álbum de fotos da família, viu retratos de parentes maternos e paternos, porém não viu muitas imagens de familiares do seu pai. A garota automaticamente ficou curiosa em saber o porquê dos poucos registros oriundos do lado paterno de sua família. O texto abaixo mostra uma conversa da menina com os seus pais:

Ô pai, por que tem tão poucos retratos da sua família no nosso álbum?
 Papai parou de ler o jornal e, sem jeito, desviou o olhar por uns instantes pra mamãe, que via televisão. Só depois de algum tempo, tornou a me encarar.
 - Sei lá, filha... tem mesmo?
 - Tem...
 - Sabe que eu nunca tinha reparado? - Virou-se para minha mãe e perguntou:
 - E você, Maria Helena, já havia notado?
 Vi preocupação no rosto dela.
 - Não, nunca notei isso. Mas nós já conversamos sobre isso, não é, minha filha?
 - E...
 - Se te deixar mais feliz, posso pedir algumas fotografias de quem você quiser pra colocar no nosso álbum de família, está bem assim, Bel? - papai sorriu, mas parecia um sorriso sem vontade, um sorriso forçado.
 - Tá... - concordei.
 Papai continuou olhando pra mim, meio embaraçado, como quando a gente é apanhado fazendo algo que não devia e sente um pouco de culpa (Braz, 2018, p.35).

Essa parte da obra, revela como os personagens são situados em suas próprias dinâmicas familiares, como a ausência ou representação dos vínculos que podem afetá-los emocionalmente. No caso de Bel, a falta de uma simples simbolização fotográfica, deixou a personagem intrigada, dificultando no reconhecimento da sua própria identidade.

Sob essa óptica, é possível analisar a forma como o seu pai se sentia ao não aceitar as suas raízes identitárias. (Papai sorriu, mas parecia um sorriso sem vontade, um sorriso forçado). (Papai continuou olhando pra mim, meio embaraçado, como quando a gente é apanhado fazendo algo que não devia e sente um pouco de culpa). Desse modo, o pai da personagem apresenta um comportamento inesperado, como se não se importasse com as suas próprias origens.

Na família do meu pai tinha pretinho, moreninho, mulatinho e até uns bem pretinhos. Enquanto eu falava, notei como minha mãe olhava pro meu pai. Senti que não estava gostando nem um pouco daquela conversa. Meu pai também parecia chateado. Esquisito (Braz, 2018. p.43).

Em alguns trechos, a mãe de Bel chega a ser preconceituosa com a própria filha, não aceitando que ela seja preta, sempre usando adjetivos que transmitem uma ideia de embranquecimento, como os apelidos de “moreninha”, uma forma que a sociedade brasileira criou para negar sua verdadeira cor.

As falas abaixo, demonstra uma pequena conversa entre a mãe e a filha, na qual a figura materna de Bel não se expressa adequadamente e acaba sendo racista com a primogênita.

Fiquei olhando pra mamãe. Seus cabelos dourados caíram no meu rosto quando se inclinou na minha direção.

- Você é moreninha... moreninha...

Uma resposta que eu conhecia e aceitava. Pelo menos, até o aparecimento de Vânia.

Olhei e fiquei assim, não tirei mais os olhos do seu sorriso carinhoso. Ela realmente acreditava no que dizia. Devia ser fácil, com seus cabelos louros e os olhos verdes como os de Tatiana!

Minha mãe...

Naquele momento, quis ter a pele tão clara quanto a dela. Não precisaria ficar enchendo a cabeça com dúvidas daquele tipo nem ficaria repetindo o que ela dizia para me convencer de que tinha razão.

MO-RE-NI-NHA!

Não adiantou nada.

As dúvidas continuaram ali, na minha cabeça; e, entre elas, o rosto de Vânia, pretinho, pretinho, sorrindo pra mim.

Mamãe notou. Até papai, invariavelmente distraído, sempre tão preocupado com seu escritório, envolvido com o trabalho de advogado, notou. É, ele também notou. Deu pra ver o olhar de censura que dirigiu a mamãe (Braz, 2018, p.20).

A própria personagem Bel relata como era difícil ser diferente da sua própria mãe, alguém que a mesma sentia enorme admiração e amor. Braz (2018, p. 20). “Fiquei olhando pra mamãe. Seus cabelos dourados caíram no meu rosto quando se inclinou na minha direção), (. Ela realmente acreditava no que dizia. Devia ser fácil, com seus cabelos louros e os olhos verdes”. As falas presentes de Bel, podem ser entendidas como sentimento de grande desamparo por não possuir feição física parecidas com a da mãe.

A obra em análise narra a história de uma mãe que possuía dificuldades em aceitar a própria filha, estabelecendo comportamentos inseguros, que em sua perspectiva significavam demonstrações de carinho. Em consequente, muitas meninas brasileiras, infelizmente, não

recebem o apoio de uma identidade positiva em seus lares, cenário este que ocorre especialmente entre garotas negras.

Com essa visão, a obra *Pretinha Eu?*, não vai ser uma simples leitura realizada para distração, mas se insere como uma forma de comprovar que muitas meninas negras não estão sozinhas nos diversos domínios sociais. Por outro lado, evidencia a existência de pessoas que precisamente lutam pelos seus direitos e coletividade nas representações.

A literatura afro-brasileira infantil é uma abordagem de promover a representatividade cultural em nossa sociedade. Nesse sentido, a importância de textos com inspirações afrodescendentes possui valores significativos para a educação em sala de aula. A forma como o educador instrui essas obras, na apresentação dos livros aos alunos exigem ser atribuídas com maneiras pedagógicas congruentes, centralizadas principalmente no despertar da curiosidade, na estimulação e engajamento pela leitura.

Júlio Emílio Braz, escreveu *Pretinha eu?*, para apresentar histórias de tantas meninas negras que sofreram e que sofrem racismo, discriminação racial e perda socioeconômica. Nesse viés, a formação educacional escolar desempenha um papel metodológico decisivo na ação dos professores da educação básica em abordarem as inúmeras perspectivas da negritude, por meio particularmente da literatura infanto-juvenil.

Viera e Aragão (2019, p.02), “a literatura na abordagem da questão racial, na perspectiva da cultura afro-brasileira é fundamental, para compreender como na escola esse debate é promovido e quais as mudanças ocasionadas”. A maneira como o ambiente escolar contempla os diferentes pontos de vistas na visão das crianças e em suas moldagens psicopedagógicas, infere a necessidade de compreensão ampla dos diferentes espaços e representações sociais, para que assim, os debates a serem realizados futuramente promovam uma liderança sociocultural mais ativa e conclusiva.

Assim, a inclusão das influências afro-brasileiras em sala de aula, é fundamental para que o aluno negro se sinta representado, evidenciando na literatura, livros e histórias que não se limitam a enredos de contos de fadas, mais sim a uma narrativa realista, na qual intercede pela realidade intrínseca de muitos estudantes brasileiros.

CAPÍTULO 3: O NEGRO APRESENTADO NA LITERATURA BRASILEIRA PARA ADOLESCENTES E JOVENS: ENTRE UMA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE QUE CORRESPONDA AO LIVRO PIVETE.

A construção da obra *Pivete*, discorre muito além de uma história baseada em cenários fictícios, mas se comprova como uma realidade de milhares de jovens brasileiros que são colocados em cenário de abandono. Quando observar-se as oportunidades disponíveis para crianças e adolescentes que enfrentaram uma infância marcada pela notoriedade do básico para sobrevivência da vida, nota-se que essa continuidade permanece em constante evolução.

Além disso, quando a narrativa expõe as realidades das periferias do Rio de Janeiro, especialmente quando verificar-se a ausência das oportunidades para a construção de pequenos jovens cidadãos, essa instabilidade acaba se perdendo facilmente para o mundo do crime.

O livro conta a vida de um garoto negro que cresceu em um contexto social urbano, cheio de desamparos, violências e busca por pertencimento. Nesse sentido, a representação de personagens negros em situações reais, ajuda os jovens a se identificarem e refletirem sobre suas próprias experiências, destacando aspectos da cultura afro-brasileira. Na qual, permite que os leitores reconheçam e valorizem suas raízes, contribuindo para a construção de uma identidade.

Para Júlio Emílio Braz, a escrita dessa história mostra a realidade de vários garotos que infelizmente possuem um destino bastante cruel, e como tal sentimento pode afetar toda mecanização de um sistema educacional, social e civil. O espaço que muitos meninos são expostos, como a falta de um lar, reflete que para a sociedade esses garotos são simplesmente apagados das histórias e riquezas do nosso país. O trecho abaixo evidencia como o autor direciona sua fala:

A única coisa que realmente me chateia é que escrevi esta história em 1989 e, infelizmente, até hoje, nada mudou - ou até piorou, ficou bem mais violento - nessa verdadeira guerra que vivemos, principalmente nas grandes cidades brasileiras, na qual os jovens - crianças e adolescentes - são as principais vítimas (Braz, 2014, p. 39).

O discurso do escritor apresenta como a sociedade falha, em desempenhar um papel de orientação para tantos jovens que vivenciam o mundo da criminalidade. No cenário de 1987, ano em que a obra foi escrita, certifica que o cenário atual ainda permanece praticamente invariável. E isso se desenvolve, pela falta de projetos que envolvam os personagens principais debatidos na obra no contexto brasileiro.

Nesse espaço, analisa-se como a construção de uma identidade baseada em uma história narrativa, pode-se transportar para uma realidade já vivenciada. Segundo Júlio Emílio Braz, em suas escritas, que apresenta o cotidiano de muitos jovens periféricos, e como são expostos a esse patamar social, ganha um importante papel na contribuição de vida e das experiências sociais. O escritor apresenta a obra demonstrando características minimalistas de como a violência é inserida na vida desses jovens.

Lobo, apenas um nome. Na batalha diária pela sobrevivência nas ruas, às vezes isso é tudo o que resta a uma criança. Na infância, vivida em meio ao abandono e à violência, quem é filho logo vira pai, e a morte não demora a se apresentar. O enredo da vida de Lobo é o mesmo de milhares de jovens brasileiros, castigados pela dilacerante exclusão social que afeta nosso país. Quanto pivetes ainda continuarão vagando por aí? (Braz, 2008, p.39).

Para Gouvêa (2005, p.79), “os personagens negros tornaram-se frequentes descritos de maneira a caracterizar uma suporta integração racial, hierarquicamente definida”. Com essa afirmação, os personagens principais são induzidos no decorrer da história, a ser como uma referência na representação do seu povo e sua realidade. O trecho no livro instrui como o garoto cresceu sem um lar estável. Isso se torna reflexo de milhares de crianças negras que são abandonados pelos os pais, sendo conduzidas a enfrentarem um futuro incerto e desigual.

No princípio era um grande vazio. Nada que eu me lembre com facilidade. Parece que eu nasci aos três anos. Quando cresci, outros como eu já estavam por aqui e um deles, com seis anos ou mais, começou a me carregar no colo, pelos cantos silenciosos e assustadores do Morro da Providência. Ele foi meu pai e minha mãe desde que me encontrou num monte de lixo na entrada do túnel João Ricardo, bem pertinho da delegacia que fecha à noite com medo de ladrão (Braz, 2014, p.13).

Diante disso, Braz (2008, não paginado) “os primeiros capítulos de Pivete: passando pela praça XV de novembro, no centro na cidade do Rio de Janeiro, testemunhei a prisão violenta de um menino que havia roubado ou tentado roubar não sei o quê”. Com essa fala, o escritor desempenha um papel muito importante ao denunciar a realidade de muitos adolescentes que vivem no mundo do crime, apresentando exemplos concretos e histórias, que se correlacionam com temas relacionados à literatura afro-brasileira.

Ao longo da história da literatura nacional, os personagens negros estiveram, em sua maioria por estereótipos, destacavam negatividade seus traços físicos e costumes de higiene, questionavam em um lugar de marginalidade ou subserviência (Farias, 2018, p.03).

A forma como a representação de muitos jovens negros é interpretada na literatura, merece atenção específica. Em que, divulgam as lutas diárias de crianças que na infância, época que deveria ser marcada por afeto e atenção, são inteiradas em um crescimento fortemente destacado por perversidade e distanciamento.

O contexto familiar de muitos dessas crianças, que são abandonadas pelos seus entes paternais está presente na obra *Pivete*. Outrossim, o escritor Júlio Emílio Braz, reflete vigorosamente essa partida demarcada de solidão e tristeza, que é vivenciada por muitos garotos que cresceram de forma apartada dos seus pais. Como milhares desses jovens buscam as ruas para a construção de vínculos que se aproximam de um ambiente familiar.

A palavra família tinha o mesmo significado de bando para nós. Éramos a nossa família. Eu. Fiapo. Bambolê. Jinjibirra. Mamão. Comprido. Cabeça. Os nomes se multiplicavam. Iam e vinham. Desapareciam. (Braz, 2014, p.13).

A ideia apresentada na obra, que evidencia o esquecimento oriundo do Estado, reflete sobre a verdadeira posição que deveria ser pertencida aos jovens. Entretanto, para o Pivete, como era conhecido entre os seus amigos, em alguns trechos da obra, o garoto fala que era mais próximo do personagem Fiapo e quando o mesmo foi preso, sentiu-se sozinho e perdido nas vielas cariocas. Diante do exposto:

Aos três conheci Fiapo. Aos quatro, vi Fiapo ser preso e levei meu primeiro tapa. Foi assim que Fiapo se foi e não voltou. Foi assim que eu fiquei sozinho e aprendi a odiar aqueles uniformes que periodicamente vinham à minha família. Aos cinco, conheci o frio e o abandono, aprendi a fazer fogueirinha com pedaços de pau e papel velho. Encontrei outro bando que me levou para o reino independente do Mangue. Outros nomes. Babão. Cavaco. Treme-Treme. Bilílico. Nomes, Nomes passageiros que se perdem no esquecimento, no pouco tempo para pensar (Braz, 2014, p. 13).

Assim, o texto situa como o personagem principal da obra se sentiu ao ficar sem seu amigo leal Fiapo e descreve também a percepção da presença de policiais. “Aprendi a odiar aqueles uniformes que periodicamente vinham à minha família (Braz, 2014, p.13)”. O texto expressa um sentimento de dor, mas ao mesmo tempo levantamento de culpa da ação realizada pela polícia, causando o sumiço do seu amigo.

Muitos garotos de ruas são conhecidos por apelidos, a obra *Pivete*, tem o intuito de mostrar como esses meninos se diversificam até mesmo por um simples nome, que é um direito

estabelecido de forma intuitiva e coletiva. Porém, não são vistos pela sociedade de maneira satisfatória, pela ação de viver nas ruas.

Em alguns trechos do livro, tem a sensatez de mostrar para o leitor outros nomes, “Babão. Cavaco. Treme-Treme. Bilílico. Nomes, Nomes passageiros que se perdem no esquecimento, no pouco tempo para pensar (Braz, 2014, p.13)”. Nesse sentido, o espaço que é inserido muitos garotos excluídos do contexto social, escolar e de realizações pessoais, acabam sendo suprimidos da realidade de várias crianças e adolescentes negros expostos para as transgressões do crime.

A literatura infantil afro-brasileira na obra *Pivete*, não demonstra só a história de um simples garoto, mas explora a ficção de uma criança recém nascida que foi abandonada pela própria mãe. Nesse contexto, isso se descreve como o espaço que é contada essa história com a vida de milhares de adolescentes que cresceram não possuindo uma família. Logo, os desafios enfrentados pelos personagens refletem realidades vividas por muitos jovens negros no Brasil, promovendo uma discussão sobre desigualdade e suas consequências. Esse livro ajuda os jovens a desenvolverem empatia e consciência crítica.

A inclusão de narrativas negras na literatura infantil juvenil é vital para desconstruir estereótipos e apresentar uma gama de experiências. Além disso, promove o reconhecimento da diversidade no Brasil, contribuindo para um diálogo mais amplo sobre raça e identidade. E delimita para muitas crianças e adolescentes como os diferentes espaços sociais estão presentes na literatura.

A obra *Pivete*, desempenha um papel crucial na formação da identidade saudável e na promoção de uma sociedade mais justa e igualitária. Por meio de histórias que permitem aos jovens leitores reflexões sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor.

3.1 As marcas de sobrevivência de garotos da periferia, presentes na obra *Pivete*.

O livro não só constrói uma história, na qual possa chamar atenção de determinados leitores, mas atrai pontos referentes que possam levar o mundo de imaginação e realidade a estarem juntos na construção do enredo. Júlio Emílio Braz, descreve como a maioria desses adolescentes são deixados de lado em um sistema tão devastador para a realidade de muitos no país.

Ademais, é mostrado como a maioria das crianças e adolescentes vivem em extrema miséria e como são colocados em situações inusitadas para sobrevivência. Muitas vezes, esses

garotos não tem alternativas sustentáveis e acabam recorrendo ao mundo da criminalidade, para assim, buscarem aquilo consideram necessário à sobrevivência.

A relevância do abandono presente na obra expressa essa reflexão, uma criança sem lar, sem princípios e vínculos. Denota assim, que buscará aquilo que está exposto na realidade do ambiente em que está inserida. Assim, um trecho da obra abaixo exibe como era a sobrevivência dessas crianças:

A vida era dura. A sobrevivência, injusta. Brigava-se por tudo, até para se continuar vivo. Pelo ponto de venda de maçãs, na entrada principal da Central. Por uma cheiradinha de cola. Por um pedaço de cobertor. Para salvar qualquer arremedo de dignidade quando os meninos maiores tentavam abusar dos menores (Braz, 2014, p. 16).

Esse trecho mostra como era difícil a vida para quem mora nas ruas. Muitos jovens estão expostos a passar noites frias, sem comida e higiene. Isso só evidencia a realidade de muitos garotos das periferias do Rio de Janeiro, e em outros lugares do país.

A fala do personagem principal, que era chamado pelo o apelido de Pivete, fala como as marcas persistiam nas lutas do dia a dia:

Éramos cinco quando começamos. Eu tinha treze anos e realizei meu primeiro assalto. Sabia que não era nada bonito, mas assim que aprendi a sobreviver nas ruas, e depois de olhar por algum tempo para trás, percebi que já tinha andado demais para dentro daquela existência para simplesmente recuar sobre meus próprios passos, sobre erros que não começaram comigo, mas com duas pessoas desconhecidas, em algum lugar entre o grande vazio de meus primeiros anos e a consciência conquistada aos três anos pelas mãos de um garoto de rua chamado Fiapo, que eu jamais voltei a ver (Braz, 2014, p. 27, 28).

A maneira como milhares dos jovens, são levados ao mundo do crime, se assemelha na maioria das vezes de forma intrigante, como resposta à resistência. E isso, acaba formando uma identidade irrelevante na construção de muitas crianças. Na primeira infância, apenas possuía uma realidade de vida inferior, mostrando referências a uma criança, na qual não tinha pai e nem mãe. Porém, com a junção de saberes juntamente com outros personagens, conseguiram apreciar aquilo que estava mais perto do sentimento de pertencimento familiar. Algumas partes do livro, expressa como o Pivete busca construir seus laços familiares, para quem o garoto respeitava e tinha como pai:

Quando fiz dez anos, Pedro já me falava mais dele e me chamava de "meu filho". Ele costumava contar histórias de seus pais, lar infeliz, pai e mãe se atracando dentro de casa, móveis quebrados, mãe no hospital, pai na cadeia,

pai indo embora, mãe deixando os filhos ao deus-dará. Nunca pensei que fôssemos tão parecidos. Nessas horas, ele costumava chorar, história triste, mas não dava o braço a torcer e saía para chorar sozinho ou simplesmente segurava as lágrimas (Braz, 2014, p.24).

Na continuação do enredo, a obra aborda o sentimento de gratidão, a qual Pivete tinha por quem o ajudou, tirando o garoto das ruas e conduzindo para uma favela, onde passou a ter contato e facilidade com dinheiro. Pedro, era traficante e comandava a periferia onde morava. A sua história de vida era muito triste e parecia muito com a de Pivete, e isso fez com que se iniciasse uma aproximação entre os dois em uma ligação afetiva. Pedro não tinha filhos e acabou adotando o garoto.

O enredo reflete a visão como a literatura tem o poder de aproximar o leitor da realidade, em que muitas pessoas estão sendo apagadas aos poucos por um sistema chamado sociedade. A vida de Pivete e de Pedro mostra como milhares desses adolescentes vivem nessa realidade. E, às vezes, nunca frequentaram uma escola e os traumas da infância e a ausência dos pais permanecem, levando essas pequenas crianças a um destino hostil.

CAPÍTULO 4: COMPARAÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS NAS DUAS OBRAS.

A leitura dos dois livros apresenta uma reflexão sobre a literatura afro-brasileira infantil, representando os diferentes contextos sociais vividos pelos os personagens, em seus diversos espaços. Em contexto, Judith Grossmann (1993, p.15), “O espaço é estrutural na obra de arte literária, porque ela é espaço. O espaço, por sua vez, pode encontrar-se mais ou menos tematizado (...).” Diante disso, se caracteriza as obras literárias, na qual, cada uma vai apresentar um lugar que se diferencia nos seus empolgantes enredos e diversificados ambientes, na qual se entrelaçam e se completam nas muitas conjunturas sociais.

Para a obra *Pretinha Eu?*, infere-se o cuidado de falar sobre as relações e valores étnicos raciais presentes no meio educacional, situando o racismo e preconceito. Este tipo de literatura tem como representação a imagem da menina negra e inteligente, esbarrada em um ambiente conturbado inerente a discriminação racial. O livro se destaca, na importância para o professor realizar discussões sobre os valores e respeito das diferenças em sala de aula, atenuando ao significado do que é ser escola.

O local introduzido na obra, traz colocações importante no relato de histórias da literatura infantil afro-brasileira, congruentemente no fornecimento do cotidiano da maioria dessas crianças. Além disso, exibe-se a verificação dos espaços propícios a acontecimentos intrigantes como o racismo e a disfunção social. Onde, jamais a escola se torna local pensado para ato de tal ação banal.

Para Sartori e Karnatzki (2011, p. 6), “o âmbito das interfaces teórico-práticas da educação e da comunicação que se preocupa com os processos comunicativos tem se consolidado como um novo campo de estudos e pesquisas denominado Educomunicação”. A contemplação do espaço representado na ficção, situa histórias de crianças negras, pois retrata vivências e experiências reais de milhares de jovens.

Portanto, a sensibilidade infantil é construída também pelo acesso aos livros, assim como nas diferentes formas em que ele se apresenta. É possível encontrar, contemporaneamente, livros muito diversos, com recursos diferentes dos séculos que antecedem a partir da sua emergência. Esta diversidade, por outro lado, é compartilhada em muitos casos, apenas no espaço escolar. Portanto, este gênero literário, configura-se como espaço de expressão, imaginação e criatividade que não deve ser negado à criança, tanto no que diz respeito ao acesso quanto à possibilidade de criação própria. Neste último caso ela se assume como espaço de expressão da criança para o mundo (Sartori e Karnatzki, 2011, p.6).

Em ambiente pedagógico, várias meninas negras são inseridas em um espaço estudantil, representado e compartilhado por diferentes histórias a serem tratadas em um ambiente de discussão. Nesse contexto, abordam temas como bullying, amizade e, muitas vezes, os desafios enfrentados na sociedade. O espaço retratado na obra é extremamente importante, pois permite que as crianças se reconheçam nos personagens, vivenciando situações que fortalecem a conexão com a leitura.

o livro como meio que provoca uma aprendizagem tal e qual do seu conteúdo. Valorizá-lo como dispositivo significa entendê-lo nas possíveis mediações que pode provocar de modo que é pela relação entre o leitor — seus conhecimentos e leituras prévias, suas vivências e relações sociais anteriores — com o texto que permitem uma construção de possíveis sentidos e significados para as informações presentes no livro (Sartori e Karnatzki, 2011, p. 7).

O livro desempenha um papel crucial na aprendizagem do aluno, e como pode ser útil no local de aprendizado, explorando temas variados que abordam o contexto para aprendizagem sobre o respeito das diferenças. E como o educador pode colaborar para promover uma visão positiva da escola e da aprendizagem, incentivando os gostos pelos estudos no setor de ensino.

A realidade escolar pode abranger diferentes culturas, classes e experiências, promovendo empatia e respeito. Além de desenvolver habilidades sociais para cada indivíduo, com histórias sobre interações escolares que ensinam lições valiosas sobre convivência e colaboração. O trecho abaixo da obra *Pretinha Eu?*, exibe a importância dos educadores trabalhar essas diferenças em sala de aula:

As aulas sobre preconceito e discriminação racial - entre outras tantas - duraram uns quatro ou cinco dias. Todos os professores falaram sobre o assunto. Os alunos ouviram com maior atenção - muitos, claro, cheios de fingimento, com aquela cara de não-é-comigo, comum a quase todo mundo. A maioria parou com a implicância e resolveu dar um descanso pra Vânia (Braz, 2008, p.56).

Nesse sentido, a representação de personagens negros vem ganhado cada vez mais espaço no meio literário para aprendizagem de maneira educativa. Anteriormente, a imagem do negro era frequentemente apresentada de forma negativa, sempre mostrando valores associados a pobreza e violência. Algumas obras: *A cor da Vida*, de Semiramis Paterno, *Na cor da Pele*, de Júlio Emílio Braz.

Desse modo, com o passar do tempo, ao ganhar destaque, as obras literárias buscam visibilizar uma identidade negra, sendo porta voz para apresentar a cultura afro-brasileira.

Alguns exemplos em destaque: *Amoras*, do rap Emicida, *O pequeno príncipe preto*, de Rodrigo França, *As tranças de Bintou*, de Sylviane Anna Diouf.

Por conseguinte, a visibilidade em livros com protagonistas negros se destaca no meio social, esclarecendo os valores que são expostos para o cotidiano de muitas pessoas em nossa sociedade. A obra *Pivete*, uma história que tem a importância de fazer uma denúncia da sociedade em vista, que muitos adolescentes e jovens são inseridos em um ambiente cheio de violência.

A obra tem como espaço as ruas do Rio de Janeiro, contemplando as favelas, um ambiente altamente estigmatizado, onde vários garotos vivem em situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, a posição do negro na esfera social dentro da narrativa, insere-se no enredo do livro para desenvolver o personagem negro de forma a transitar entre a realidade e ficção. Em um trecho do livro, é transcrito como a criminalidade está presente no espaço urbano:

Transcrição feita a partir de gravações realizadas entre os dias 16 e 23 de novembro de 2007 por membros da organização não governamental Fundação Anima Mundi (Rua Marcelino de Tormes, s/nº, Centro. Rio de Janeiro, RJ) com um menino de rua conhecido simplesmente por Lalo, recentemente desaparecido (Braz, 2008, p.11).

Na visão de Júlio Emilio Braz, para a construção da leitura no livro *Pivete*, destaca-se o ambiente das ruas da “Cidade Maravilhosa”, que é assim é conhecida por gíria popular. O espaço geográfico presente na obra, expõe como a literatura traz reflexões sobre a realidade de milhares de crianças e adolescentes que vivem inseridos em situações que desestimula o acreditar no mudar social.

As marcas presentes em determinados contextos sociais, revelam muito sobre o local onde ocorre a construção das identidades. Na literatura, essas marcas são apresentadas em histórias que demonstram como o ser social é representado, e como essas características se manifestam de maneira significativa em diversas cidades.

A cidade traçada por entre becos e escrita em versos é uma revelação da imaginação literária, abordagem contemplada pelos (per)cursos de investigação traçados pelo campo geográfico sob o olhar experencial e vivencial (Suzuki, 2010, p 309).

A desigualdade entre o espaço social sempre será retratada na literatura negra como uma forma de desenvolvimento narrativo. Na obra *Pivete*, que oportuniza a voz a tantas histórias de pessoas que “vivem em becos e vielas”, e que enfrentam situações de fragilidades

socioculturais. Para o espaço geográfico presente na narrativa, cada lugar apresenta uma realidade distinta para cada indivíduo em seu meio social.

A "exploração geográfica" é uma maneira de fazer geografia e a imaginação nos conduz a lugares inacessíveis por outras abordagens de investigação. Dialogando com outros saberes e sabores, podemos acessar outras imagens do universo da cidade - aquelas reveladas pela literatura. Para "ter esse prazer da pesquisa" é preciso sair do seu "porto seguro" e viajar" pelo misterioso "mundo das letras (Suzuki, 2010, p. 311).

Para Júlio Suzuki (2010, p. ,311), "temos como referência a noção de poeta como sujeito ficcional, em que se mesclam elementos próprios da história pessoal do intelectual (o indivíduo histórico) e os inerentes à construção da obra poética entre o espaço". O escritor Júlio Emilio Braz, foi claro em descrever a realidade do ambiente em que o Estado do Rio de Janeiro representa para a vida de vários garotos inseridos na criminalidade, associando um cenário de abandono com vivencias precisas de luta social.

Portanto, o mais importante em uma obra de arte literária é a sua complexidade, que se converge do espaço geográfico de mundo. Onde, um ou mais espaços tornam-se pontos de referência. Este ponto, analisa que o livro *Pivete*, tem referência às favelas, um ambiente conhecido por muitos, mas que se aplica como frágil, frente as lutas no enfoque das mudanças sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa analisou, fundamentalmente, as representações dos diferentes espaços sociais presentes nas obras *Pretinha Eu?* (2018) e *Pivete* (2008), de Júlio Emílio Braz, considerando as hipóteses que a ficção apresenta sobre a vida e a realidade de muitas histórias e cotidianos vivenciados por brasileiros negros.

Contudo, o estudo constatou que, nas duas obras, existem diferentes espaços sociais: um destaca a representação do ambiente escolar, evidenciando como a escola retrata e apresenta as diferenças nesse contexto, enquanto o outro explora as vivências e a realidade em um espaço urbano, onde muitos adolescentes e jovens estão situado. Este último mostra como a sociedade enxerga esses jovens, frequentemente expostos à criminalidade.

Desse modo, destaca-se que esta pesquisa alcançou o objetivo proposto, ao evidenciar os diferentes espaços sociais presentes na literatura afro-brasileira. Ao apresentar o contexto em que uma criança ou jovem negro está inserido, transitando entre a ficção e a realidade. Além disso, ressalta-se a importância de obras literárias infantojuvenis que representem crianças negras no Brasil. O discurso desta pesquisa científica nas obras *Pretinha Eu?* e *Pivete*, buscar demonstrar que a ficção reflete a realidade.

Portanto, o livro *Pretinha Eu?*, busca compreender os valores ético raciais refletidos no ambiente escolar, indagando como os professores podem trabalhar com literatura infantil-juvenil afro-brasileira. A proposta é adotar uma perspectiva voltada para crianças e adolescentes, considerando as vivências e a realidade de muitas garotas negras. Por conseguinte, a obra *Pivete*, analisar como os garotos da periferia são vistos pela sociedade. Abandonados desde cedo, crescendo nas ruas, sem lar, sem família, vivendo na perspectiva da tentativa pela sobrevivência.

Ademais, este trabalho visa contribuir para que mais crianças negras sejam reconhecidas no contexto social apresentado. Por fim, esta pesquisa poderá ser disponibilizada como e-book e servir de base para estudos futuros em nível de mestrado.

REFERÊNCIAS

- BRAZ, Júlio Emílio. **Pretinha Eu?** São Paulo, Scipione, 2018.
- BRAZ, Júlio Emílio. **Pivete**, São Paulo, Ed. do Brasil, 2014.
- COSTA, Marta Morais. **Metodologia do Ensino da literatura Infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- COSTA, Daniela Moreira. **Literatura Infantil Afro Brasileira e a Prática Pedagógica**. Revista Inovação Tecnológica, São Paulo, v. 9. N.1, p.74-92 jan/jun. 2019- ISSN 2179-2895.
- DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil de Júlio Emílio Braz** - Literafro. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- FARIAS, Jessica Oliveira. **A Representação do negro na Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Periferia, vol, 10 núm. 1, pp. 17- 32, 2018.
- FERREIRA, Elio. **Literatura, História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Teresina: Ed. UFPI, 2013.
- FERREIRA, Elio. **Literatura e Canções afrodescendentes; África, Brasil e Caribe**. Teresina: EDUFPI, 2017.
- FONSECA E SILVA, Marcus Vinicius e Carolina Mostaro. **Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil**. Belo Horizonte: ed. Mazza, 2011.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil 2**. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.
- MARANDOLA JR., EDUARDO E GRATÃO, Lúcia Helena Bastista. (Orgs). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.
- VIEIRA E ARAGÃO, Maria Letícia e Patrícia Cristina. **“Pretinha Eu?” Refletindo sobre: a educação das relações Étnico-racial na escola**. Paraíba, Enid, 2019.